

DIÁLOGO GLOBAL

Momentos Revolucionários na Praça Tahrir

Mona Abaza

Revoluções árabes: Quem são os atores?

Sari Hanafi

Yokohama: O porto de esperança

Koichi Hasegawa

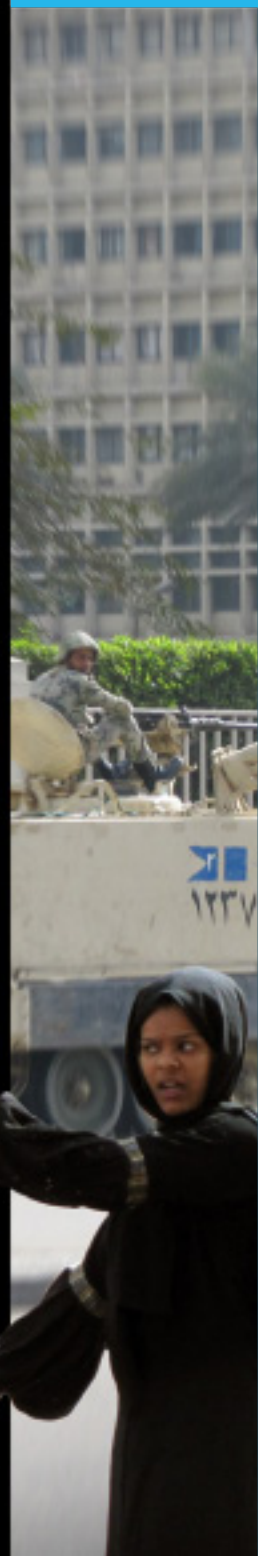
- > **Desafiando o Cosmopolitanismo**
- > **Conferência sobre Desigualdade**
- > **Encontro do Comitê Executivo da ISA**
- > **Sem Fronteiras**
- > **A Associação de Sociologia da Turquia**
- > **Associações Nacionais na Europa**
- > **Esquina da História: México 1982**
- > **Direitos Humanos: Culpada por ser socióloga?**

NEWSLETTER

DGN 4

VOLUME 1 / EDIÇÃO 4 / ABRIL 2011

International
Sociological
Association



> Editorial

O mundo mudou desde a última vez em que abrimos os jornais. Os acontecimentos no Cairo ressoam em todo o planeta. As insurgências dos árabes – ainda não sabemos se podem ser chamadas de revoluções – mostraram mais uma vez o quanto é complicado antecipar a erupção dos movimentos sociais. É mais fácil compreendermos o modo pelo qual eles se espalham e seus desdobramentos somente após seu irrompimento. Neste sentido, nossos dois artigos principais têm em foco tais processos revolucionários: Mona Abaza descreve o que estava próximo de ocorrer na e ao redor da Praça Tahrir em janeiro e fevereiro de 2011, enquanto Sari Hanafi examina o conjunto dos atores sociais que agora lutam por mudanças sociais na Tunísia e no Egito.

Nosso terceiro artigo nos leva dos terremotos humanos a um terrestre: o que devastou o Japão, engendrando um gigantesco acidente nuclear. Durante quinze anos Koichi Hasegawa, sociólogo do meio ambiente, vem indagando se o Japão teria a necessidade de outro Chernobyl antes de mudar sua política nuclear. Nós ainda não sabemos a resposta para esta pergunta. Como responsável pelo Comitê Organizador do Congresso Mundial da ISA de 2014 em Yokohama, Dr. Hasegawa proferiu importante palestra no encontro do Comitê Executivo na Cidade do México acerca da reação japonesa ao terremoto e ao tsunami. Publicamos esta palestra aqui. De sua parte, o Comitê Executivo da ISA reafirma seu compromisso com o sucesso do Congresso de 2014.

Neste volume também informamos as deliberações do Comitê Executivo, reunido entre os dias 21 a 25 de março, e da concomitante Conferência Internacional sobre Desigualdade, organizada por Raquel Sosa Elizaga, vice-presidente de Programa da ISA. Na parte histórica, Jennifer Platt escreve sobre o famoso Congresso Mundial da Cidade do México de 1982. Foi a primeira vez que a ISA realizou um congresso mundial em um país de “terceiro mundo”, iniciando-se a série de debates sobre sociologia internacional que perdura até hoje. Neste volume, por exemplo, Sujata Patel aborda o tema da sociologia global e cosmopolitismo a partir do ponto de vista de tradições nacionais diversas. Também trazemos informes da Associação Sociológica Européia, da Associação Sociológica Turca e da seção norte-americana dos Sociólogos sem Fronteiras. Por fim, há uma nova coluna sobre violação dos direitos humanos de sociólogos com episódios da Turquia e da Hungria.

Continuamos na busca da ampliação do nosso público. Temos agora uma página bastante acessada no Facebook e um novo visual em nosso website, que abriga uma seção sobre Universos Virtuais. Por meio das iniciativas de Sari Hanafi, de Mounir Saidani e de Ishwar Modi, Global Dialogue agora tem sua versão em Árabe e Hindi, completando nove línguas ao todo. A Sociologia está em movimento!

ISA website

facebook

> Nesta Edição

Editorial	2
Momentos Revolucionários na Praça Tahrir	3
Revoluções Árabes: Quem são os atores?	6
Yokohama: O Porto de Esperança	9

> DEBATE

Desafiando o Cosmopolitanismo	12
Conferência sobre Desigualdade	14

> ENCONTROS E ASSOCIAÇÕES

Encontro do Comitê Executivo da ISA na Cidade do México	15
Sem Fronteiras	17
A Associação de Sociologia da Turquia: Celebrando 20 Anos	18
Associações Nacionais na Europa	19

> COLUNAS ESPECIAIS

Esquina da História: México 1982	8
Direitos Humanos: Culpada por ser socióloga?	20

Foto de capa por Mona Abaza





Protesto pacífico na Praça Tahrir.
Foto por Mona Abaza

> Momentos Revolucionários na Praça Tahrir

Por Mona Abaza, American University of Cairo

Aconteceu de eu estar no Cairo quando a manifestação catalítica de 25 de janeiro ocorreu. Eu não participei das primeiras manifestações. Passaram-se muitos anos desde que eu havia sido politicamente ativa. Tenho que confessar que a violência e a brutalidade, testemunhadas em inúmeras manifestações anteriores foram, certamente, os principais motivos que me mantiveram longe das ruas.

Desde o primeiro dia, a polícia foi implacável com os manifestantes. Amigos, que participaram das manifestações desde o primeiro dia, recordavam a violência. Balas de borracha, jatos de água e bombas de gás lacrimogêneo foram maciçamente lançados contra os manifestantes. A cidade estava em chamas. O ataque e a nuvem de gás lacrimogêneo fizeram sentir-se por vários dias na cidade. Em 25 de janeiro, anunciou-se a morte de três pessoas, assim como um número considerável de feridos.¹

Mubarak paralisou os trens de todo o país. Essa medida de controle pouco inteligente não impediu que as pessoas enfurecidas ocupassem a cidade. De fato, era visível que a quantidade de pessoas nas ruas aumentava a cada dia após o dia 25 de janeiro. As manifestações continuavam obstinadamente. Dia após dia, cada vez mais pessoas ocupavam todas as

ruas do Cairo. Estavam todos indo em direção à Praça. A cidade entrou em colapso com ataques a delegacias de polícia. Bandidos estavam por todos os lados e saques estavam acontecendo em várias quadras. Quanto mais as forças policiais se tornavam violentas, mais determinados se tornavam os manifestantes e mais visibilidade eles ganhavam nas ruas. As cidades de Alexandria, Suez, Port Said, Mansura e Mahalla al Kubra estavam enfrentando a mesma insurreição massiva de manifestantes furiosos. No Cairo, as manifestações partiram de Shubra, Mattariya, Bulaq, Dokki, Mohandessin Nasr City e Heliopolis, e elas obstruíram as pontes principais de Seis de Outubro e a ponte Kasr al-Nil. Confrontos brutais foram registrados. A raiva contra a brutalidade do regime foi o suporte, assim como foi a determinação em resistir. “Desta vez, as coisas serão diferentes”, dizia-se. Os manifestantes perderam seu medo, eles resistiram entrenchando-se e orando em comunidade enquanto enfrentavam as colunas negras de policiais, e atirando pedras quando eram atacados. Eles não temiam os furgões verdes da polícia que vinham para cima deles. Então, as forças policiais começaram a recuar por medo – eles não conseguiam lidar com o crescente destemor daquele compacto exército de corpos em movimento. Eles fugiram da multidão poderosa, mas

pacifista. De repente, todos os policiais desapareceram. Cautelosamente, acordei uma manhã e encontrei a cidade inteira sem um único policial. O exército então entrou na cidade com seus tanques.

Muitos como eu, que não eram ativistas políticos e que tinham medo da violência perpetrada em esmagar os manifestantes, decidi, finalmente, marchar até a Praça. Mães de classe média desceram para as ruas. Filhos e filhas de meus amigos experimentavam uma metamorfose em suas vidas. Esses jovens que levaram seus pais para as ruas, estavam protestando desde o primeiro dia. Eles encontraram seus novos “eus” na vida da Praça. Vários jovens estavam orgulhosos de suas recém-descobertas habilidades em brigas de rua.

Em seguida, a espetacular primeira manifestação de um milhão de pessoas se transformou em um momento histórico que hipnotizou os próprios egípcios. Era a euforia da liberdade recém-descoberta e a ânsia coletiva por dignidade. Não tenho palavras para descrever como mais de 2 milhões de pessoas marcharam pacificamente e de maneira organizada para o espaço principal: a Praça Tahrir. A organização foi espetacular. Um senso claro de ordem foi idealizado pelos jovens manifestantes para entrar e então mover-se dentro da Praça de maneira pacífica. Foi extraordinário. As pessoas foram incríveis em cuidar uns dos outros de modo que nada pudesse dar errado. A Praça foi cercada por tanques e soldados do exército, que verificavam identidades para se certificarem de que não havia nenhum bandido do regime e que nenhuma arma poderia ser usada dentro da Praça. Nos pontos de verificação, os homens e as mulheres eram separados para passarem por “comitês populares” constituídos por grupos de jovens homens e mulheres anti-Mubarak altamente disciplinados. Bolsas e carteiras foram revistadas. Facas, tesouras e instrumentos potencialmente perigosos foram confiscados. Pontos de verificação multiplicaram-se desde que os bandidos do regime tornaram-se uma ameaça constante. Em seguida, havia a orquestração cuidadosa de como as pessoas circulariam ao redor da Praça.

> O massacre de 2 de

>>

fevereiro

O segundo dia de fevereiro permanecerá uma data inesquecível para as duas, minha filha e eu. Na noite anterior, Mubarak fez seu segundo discurso na televisão em um tom mal e ameaçador. Ele insistiu que não iria desistir do seu trono. Parecia que sua ira, em breve, atingiria a nação desobediente. No dia dois de fevereiro, à tarde, fui para a Praça Tahrir, com dois amigos e com minha filha, com a intenção de encontrarmos outros amigos e permanecer por ali por algum tempo. Meu amigo Samia sugeriu que fizéssemos uma visita a Pierre, um nosso amigo em comum, que tem dois grandes e magníficos apartamentos no nono e no décimo andar, com vista para a Praça na esquina entre as ruas Talaat Harb e Bab al-Luq. Por volta das quatro horas da tarde, os ataques dos bandidos armados do regime, vindo da direção do Museu Egípcio, começou. Nós vimos muitos homens gravemente feridos sendo carregados por grupos de homens que deixavam a Praça pelos pontos de verificação, que foram guardados pelos manifestantes e pelos tanques do exército. Muitos foram baleados na cabeça e nos olhos. “A batalha dos camelos” já havia começado, mas, felizmente, os manifestantes conseguiram prender os bandidos que entraram na Praça com camelos e cavalos. Por aí, meus dois amigos resolveram voltar para a ilha de Zamalek, onde todos nós estávamos ficando. Fiquei com minha filha, pensando que seria arriscado demais voltar andando com ela. Eu já estava em pânico depois de ter visto tantas pessoas feridas.

Cerca de cinco e meia da tarde, uma grande multidão de bandidos do regime veio da rua Talaat Harb em direção à Praça. Eles jogavam coquetéis molotov. Eles atiravam à queima-roupa contra os manifestantes e queimavam tudo o que estava no caminho deles. Em particular, eles ateavam fogo em carros, que então eram virados de cabeça para baixo. Pôde-se ver claramente que os tanques do exército nada fizeram para impedir a queima de carros ou a agressão dos bandidos. Os manifestantes anti-Mubarak só podiam se defender por meio de barricadas nos pontos de verificação com alguns escudos de

metal que foram coletados de uma área em construção do hotel Hilton, que passava por uma reforma. Sua única arma era pegar pedras e jogá-las. As ruas eram um caos total e muitos ficaram feridos. Naquela noite, foi informado que quatro pessoas morreram e centenas ficaram feridas. Pelo que vimos, ficou claro que o número de mortos deve ter sido muito maior que o relatado.² Felizmente, os bandidos foram recuando e não conseguiram entrar na Praça.

Passamos a noite no apartamento de Pierre. Pierre estava ocupado colocando as centenas de fotos tiradas de sua varanda em todas as contas disponíveis do Facebook. Foi o primeiro dia que a internet foi restaurada após cerca de cinco dias de bloqueio de seu uso. O apartamento charmoso, com estilo belle époque, de Pierre foi transformado em um grande abrigo. Várias camas e cobertores estavam no chão.

Os dois grandes apartamentos no alto da Praça foram transformados em alojamento de muita gente que ia e vinha. Havia vários jornalistas franceses, italianos, americanos e egípcios, também fotógrafos; várias mães, cujos filhos e filhas estavam na Praça e muitos manifestantes jovens e adultos, que se refugiaram ali enquanto as coisas estavam desagradáveis lá embaixo. Alguns dos manifestantes eu conhecia por terem sido meus ex-alunos na Universidade Americana. Fiquei encantada e ainda verdadeiramente assustada por eles, pela maneira com que eles se transformaram em combatentes determinados. Uma das minhas melhores alunas estava acampada na Praça havia quatro dias e parecia completamente esgotada. Descobri depois que outros manifestantes eram filhos e filhas dos meus amigos. Havia também amigos dos manifestantes que não conheciam ninguém no apartamento, mas ainda assim eram bem-vindos. Como a violência aumentou durante a noite, o número de manifestantes nos visitando também aumentou (nós éramos provavelmente cerca de 50 ou 60 pessoas). Alguns manifestantes estavam feridos em seus rostos, mão e pernas.

Um aparelho de televisão ficava ligado ininterruptamente em uma

sala separada. Nós íamos e vínhamos desta sala sem parar. Alguns estavam dormindo na frente da TV, completamente exaustos. Nós todos tentávamos freneticamente alternar entre duas coisas: mover-se pelas três grandes varandas para ver o que estava acontecendo na Praça Tahrir e nas ruas laterais de Talaat Harb e Bab al-Louq e, então, corríamos para dentro para acompanhar as notícias na TV, a fim de descobrir a direção do próximo ataque dos bandidos. O canal Al-Jazeera foi o ponto de referência para localizar o que realmente estava acontecendo além da Praça. Não podíamos ver os ataques provenientes do Museu de Antiguidades, nem podíamos ver os bandidos que estavam atacando a ponte Seis de Outubro com bombas de gasolina, mas, em vez disso, nós os víamos pela TV. Também vimos na televisão que os bandidos atearam fogo às árvores da Praça, o que nos deixou em pânico com a possibilidade de um eventual incêndio maior que pudesse alcançar os edifícios circundantes. A tela da TV foi o nosso único guia para detectar o perigo. Mas havia um sentimento comum entre todos nós no apartamento. Nosso ódio por Mubarak não tinha limites. Todos tiveram a mesma ideia: a carnificina desta noite foi exatamente um dia após a recusa de Mubarak em renunciar. Se ele permanecesse mais uma semana, o dano seria além da imaginação. Sua loucura egomaniaca não tinha limites.

A maioria de nós, para não dizer todos, deixávamos nossos celulares ligados (o toque de recolher ou “apagão” dos celulares havia sido suspenso). Todas as mães estavam telefonando para seus filhos e filhas na Praça. Eles descreviam as imagens que estavam vendo na TV para aqueles que estavam na Praça. Algumas mães imploravam aos que estavam embaixo para virem para cima. Os repórteres telefonavam para os colegas presos e possivelmente perdidos nas escaramuças do outro lado da Praça.

A Praça, por outro lado, estava lotada de pessoas que continuavam caminhando ao redor do centro durante toda a noite até o amanhecer. Mulheres e crianças estavam acampando no meio da Praça. Alguns alto-falantes, situados perto da mesquita de Omar Makram

gritavam propagandas religiosas, outros alto-falantes, gritavam canções patrióticas dos anos sessenta. Em um certo momento, muito tarde da noite, os manifestantes começaram uma batucada nos escudos de metal. Estes sons diferentes mostravam quão bem organizados os manifestantes eram. A cacofonia orquestrada foi feita para mantê-los acordados e avisá-los caso sentissem qualquer perigo iminente. Havia algo apocalíptico em todo esse barulho, especialmente se somado o barulho constante dos helicópteros que pairavam sobre nossas cabeças.

As várias mães que passaram a noite na casa de Pierre esperavam suas filhas e filhos que estavam na Praça virem para cima. Enquanto víamos as notícias se desdobrarem noite afora, muitos de nós caíamos em prantos. Uma mãe estava falando em seu celular implorando para sua filha desistir de protestar. Colei-me a minha filha e desejei que tudo aquilo acabasse.

> Contágio

Para escrever estas reflexões, minha filha foi meu principal guia para lembrar a sucessão dos acontecimentos da noite do dia 2 de fevereiro. Ambas parecemos termos experimentado o mesmo problema. Nós duas sofremos de uma imprecisão inconsciente em nossas tentativas de evocar a memória. Nós nos convencemos de que muito disso deve ter a ver com a tensão da situação e os constantes deslocamentos entre a tentativa de observar a Praça e seguir o fluxo contínuo de imagens da TV. Minha filha descreveu a noite na casa de Pierre como um momento surreal. Uma coisa é evidente: as imagens de televisão difundidas, efetivamente, colonizaram nossa memória e, conseqüentemente, reificaram a realidade.

Se Adorno e Horkheimer tivessem testemunhado o papel da Al-Jazeera na revolução egípcia, certamente, teriam repensado sua profecia sobre a “indústria cultural” e o efeito da banalização da televisão. Claramente, a revolução não teria sido tão bem sucedida se não houvesse canais por satélite que expusessem as discrepâncias flagrantes entre propaganda e realidade, e as mentiras ridículas propagadas pelo

canal de televisão estatal. Canais por satélite ganharam ainda uma maior importância quando Facebook, telefones celulares e internet foram bloqueados pelo regime.

Para os próximos anos, as agendas de pesquisa acadêmica manter-se-ão ocupadas estudando o papel sem precedentes da Al-Jazeera no processo das revoluções árabes. A grande vitória da revolução foi uma vitória também da Al-Jazeera. Os jornalistas não fizeram nenhuma tentativa de disfarçar sua subjetividade e seu apoio às ruas. Seu movimento hábil e inteligente de antecipação da pilhagem de seus escritórios e a escalada de caça às bruxas a que foram submetidos, apenas reforçou a sua imagem heróica.

O espírito rebelde contagioso, que percorreu a Tunísia, a Argélia, o Egito, o Iêmen, o Barein, a Líbia e Omã fascinaram o mundo. Eles simplesmente expôs o poder e a velocidade da transmissão de imagens por meio da televisão. Houve, claramente, um denominador comum nos slogans de protesto e nas demandas que se espalharam como fogo no mundo árabe. As revoltas árabes evoluíram em torno de grandes questões: a dignidade, o reconhecimento, a injustiça, a corrupção descarada e o despotismo.

É um fato que os egípcios ficaram famosos por sua sagacidade e sua leveza de ser, através das quais essa revolução conseguiu seduzir grandes públicos no Ocidente. Com certeza, foi uma revolução sangrenta, mas não só. Por seguidas vezes, os comentaristas não pararam de repetir que a Praça reiventou-se como um imã para a contracultura, para a imaginação artística popular e para músicos e dançarinos maravilhosos e irônicos. As famosas “nokta” sádicas egípcias (piadas) e as mais incríveis performances públicas improvisadas descobriram seu apogeu na Praça.

Os filhos da revolução ensinaram uma lição ao Ocidente sobre suas amadas noções de cosmopolitismo e democracia. A aplicação destas duas reivindicações foram negadas por muito tempo para o Sul Global, sob o pretexto de que lhes faltava maturidade. Esses valores, mais

uma vez, provaram não serem mais exclusivos do Ocidente. Quando o movimento egípcio de 68 veio, finalmente, para as ruas, coincidiu com um debate nacional sobre a degeneração genética das raças e a integração dos turcos na Alemanha por um Sarrazin paroquial. (Para uma discussão do caso Sarrazin, consulte Helma Lutz, “Do cosmopolitismo à Sociologia Pública”, *Diálogo Global* 1/3).

Pode ser prematuro comparar a revolução do Egito com as revoluções russa e chinesa. Mas o que torna o caso egípcio fascinante é que a internet, Facebook, telefones celulares e twitters tornaram-se ferramentas vitais na transmissão das informações da forma mais rápida possível. Isso revelou como tecnologias controversas – muitas vezes negativamente avaliadas como sendo produtos de uma cultura de consumo e de estilos de vida consumistas – foram, evidentemente, usadas para a insurgência contra as cortinas de ferro dos déspotas árabes clinicamente loucos. Mas a tecnologia aqui foi apenas um meio, não foi, certamente, a mensagem. O meio era todo a respeito de velocidade e a mensagem era realmente o que se passava nas ruas. Manuel Castells estava certo ao apontar para o papel do ciberespaço na criação de novos parâmetros de uma sociedade em rede. Ele fala de uma nova linguagem informacional e de novos códigos. Muitos dos que viram a Praça Tahrir ficaram impressionados com a esperteza dos jovens manifestantes do movimento de 6 de abril que criaram os mais eficazes e ainda mais curtos e concisos slogans anti-Mubarak. Esses slogans foram o principal meio que reuniu milhares, senão milhões, de adeptos. Alguns slogans consistiam em uma simples palavra como “irhal” (saia) e “baatel” (ilegítimo). Esteve presente o efeito da linguagem codificada e abreviada de comunicação eletrônica, conforme Castells profetizou? Não há uma resposta verdadeira para isso. ■

¹ Evidentemente, um número muito maior morreu desde o primeiro dia e ainda há centenas de pessoas desaparecidas.

² Depois a imprensa afirmou que este número estimado o número de mortos dobrou. Muitos morreram nos hospitais e que o governo emitiu uma ordem para não fornecer atestados de óbito, de modo a disfarçar o alto número de vítimas.

> Revoluções Árabes: Quem são os atores?

Por Sari Hanafi, Universidade Americana de Beirute, Comitê Executivo da ISA



Foto por Mona Abaza.

União na Revolução Egípcia: Verde (em cima) – “Revolução até a vitória” e em vermelho (em baixo) – “Nós, os pobres vamos defender o nosso país e defender a Revolução dos bandidos e agentes do Ministério do Interior”.

Ao longo dos últimos quatro meses, terremotos políticos tem abalado o mundo árabe. Estas revoluções derrubaram os presidentes da Tunísia e do Egito e estão fazendo seu caminho para Iêmen, Bahrein, Líbia, Jordânia e Síria. Não importa como se define o sucesso desses levantes, é evidente que eles estão forçando regimes ditatoriais em direção à reformas políticas.

A importância dessas revoluções reside na reunião do social com as demandas democráticas. Devemos lembrar, por exemplo, que a insurreição da Tunísia teve o seu início em Gafsa, dois anos atrás, num protesto sobre alimentos e desemprego. Blogueiros dissidentes e usuários do Facebook na cidade de Jarjis, na Tunísia, exigiram a soltura de presos políticos e liberdade de expressão. Tanto na Tunísia, quanto no Egito, as revoluções foram iniciadas pelos jovens, graduandos universitários desempregados e a classe

trabalhadora e, mais uma vez, elas foram marcadas pelo apelo a reformas sociais e democráticas.

A sensibilidade dos protestantes ao desemprego e a sua hostilidade para com os regimes neoliberais e neopatrimoniais estão vinculados ao seu senso de justiça, dignidade e liberdade: liberdade para aderir a grupos políticos e partidos, liberdade de expressão, liberdade de práticas religiosas, liberdade para escrever sobre pessoas corruptas no governo. Nós não devemos nos esquecer que o então chamado “milagre econômico da Tunísia” está na capital e em cidades costeiras do norte, mas não no interior da Tunísia e no sul. Os jovens árabes sentem que haviam se tornado um homo sacer, no sentido do filósofo italiano Giorgio Agamben, o que significa que esta foi a revolta dos “bare lives”, dos corpos famintos indefesos que o regime despiu de identidade política e do direito de pertencer a grupos como o Movimento de Renascimento Islâmico ‘al-Nahda’, o Partido Comunista Trabalhista da Tunísia e a Irmandade Muçumana.

Quando os dois presidentes, da Tunísia e do Egito, Ben Ali e Mubarak, se tornaram soberanos tomando a decisão final sobre se promulgavam a lei ou suspendiam-na, seja para

>>

“tirar a vida ou deixar morrer”, eles violaram os direitos da Tunísia e do Egito - prendendo, torturando, assassinando e arruinando economicamente seus países.

Em um livro que editei ano passado, intitulado *The State of Exception and Resistance in the Arab World*, o sociólogo tunisiano Mohsen Bouazizi escreveu sobre as manifestações silenciosas de oposição entre a juventude tunisiana e como a indiferença e o descaso são implantados contra o regime. Mas o que Mohsen Bouazizi não viu, então, é como uma figura como Mohamed Bouazizi, que é da mesma cidade que Mohsen - Sidi Bouzid -, poderia tornar-se tão alienada da vida social assim como tornar-se, nas palavras de Touraine, um tema: a força motriz de um movimento social.

O corpo de Mohamed, como o de outros jovens da Tunísia, foi alvo de um regime opressivo e de sua autoridade disciplinar, que visa privá-lo de sua identidade política. Assim, ao cometer um suicídio-protesto, Mohamed criou um padrão de resistência cuja eficácia é alcançada no momento da auto-imolação corporal. Como o pesquisador palestino May Jayussi coloca, estamos num momento semelhante a quando nos territórios ocupados os palestinos desafiaram a autoridade soberana que procurou transformá-los em sujeitos humilhados - sujeitos que podiam ser mortos sem qualquer reconhecimento, isto é, morte sem valor. Mohamed Bouazizi e seus companheiros, que morreram cometendo suicídio, tornaram-se atores que deliberadamente se sacrificaram, e através deste ato inverteram a relação com a autoridade soberana.

Entretanto, a despeito de toda opressão do regime de Ben Ali e o uso de um estado permanente de exceção, este regime não era uma instituição total, controlando tudo. Afinal, é freqüente o caso em que a opressão é sinal de fraqueza ao invés de força, como vimos quando o “poderoso” regime de Ben Ali não pôde usar o exército para seguir a norma opressora da polícia. O sistema também falhou em silenciar a oposição, especialmente na diáspora. Isso oferece um raio de esperança a todos aqueles que lutam pela democratização -para aprender a usar as fraquezas do regime para produzir uma mudança na ordem.

De fato, a dimensão simbólica dessas revoluções árabes é memorável. No Egito, a juventude revolucionária é educada, indivíduos -homens e mulheres, mulçumanos e cristãos- que usam celulares e laptops para comunicar a sua revolução enquanto, ao mesmo tempo, carregam cartazes feitos a mão. Essa revolução é inteiramente indígena. Não há USAID ou outras agências internacionais financiando cartazes e panfletos, ou workshops em hotéis cinco estrelas. Ao contrário, os defensores do regime calcificado vieram com seus cavalos e camelos, tijolos, facas e paus.

Nas revoluções árabes, o conflito árabe-israelense não estava ausente. Ambos os regimes do Egito e da Tunísia, sendo parte do que é chamado de “eixo da moderação”, tinham um discurso político que estava profundamente em desacordo com os sentimentos populares, que viram a moderação de seus regimes como um sinal verde para o projeto colonial de Israel e do cerco de Gaza. Fiquei surpreso em ver que mesmo em um jornal a favor do governo como al-Ahram, houve críticas a Mubarak por ter recebido Netanyahu

em 4 de janeiro, um dia depois de israelenses demolirem quatro casas no leste de Jerusalém e após o bombardeio de Gaza no qual três palestinos foram mortos.

Dessa forma, a fobia israelense dessas revoluções é bem fundamentada. Os novos regimes árabes terão legitimidade popular, não necessitando de uma potência ocidental para apoiá-los. Muito provavelmente o Egito vai restaurar sua posição como líder de uma força pan-árabica, fortalecendo a vontade do povo palestino para resistir ao projeto colonial de Israel. Em entrevistas, manifestantes usaram repetidamente a palavra ‘dignidade’, algo que lhes tem sido negado pelos regimes depostos. Estas revoluções nos dão margem para pensar sobre que tipo de movimentos sociais estão emergindo no mundo árabe e a interação de atores internos e externos.

> Atores do Movimento Social

Dois grupos de atores desempenharam um papel crucial nestas revoluções. Em primeiro lugar, os jovens educados não-filiados habilmente combinados com os partidos políticos e sindicatos, que tradicionalmente dão a esses movimentos a dinâmica necessária e mobilização. Em segundo lugar, havia a classe trabalhadora, quer sejam membros dos sindicatos ou não. Muitos analistas, deliberadamente ou não, não vêem a importância deste último grupo e miticamente apresentam os jovens como sem classe e não-ideológicos. Na realidade, essas revoluções na Tunísia e no Egito representam movimentos sociais emergentes que combinam a forma clássica baseada na classe social, com uma nova forma em que a luta pelos direitos civis prevalece. Além da identidade de classe trabalhadora, os indivíduos constroem eles mesmos no espaço entre a integração social e a desintegração, o que Touraine denomina compromisso e não-compromisso, armados com o poder da reflexividade. Por exemplo, alguns ativistas do Movimento 6 de Abril são membros da Irmandade Mulçumana, mas eles também criticaram as ações da irmandade e o quão rápido ela entrou em diálogo com o antigo regime.

Na Tunísia, o ato de Mohamed Bouaziz desencadeou uma rebelião que começou como um evento de forma desorganizada e espontânea, mas que logo foi tomada por sindicatos. A União Geral dos Trabalhadores da Tunísia foi magistral no trato com o regime: no norte da Tunísia, especialmente na capital, os líderes do sindicato negociaram com o regime enquanto seus colegas do sul se opuseram a ele. A ordem dos advogados também desempenhou um papel importante na expansão dos manifestantes, de jovens até todas as idades, e das regiões da capital, Tunis. É possível observar o lugar proeminente dos advogados, e até de juizes, nos movimentos sociais em todo o mundo árabe e islâmico, do Egito ao Paquistão.

Como para o Egito, a revolução foi iniciada pelo movimento 6 de abril que começou como a juventude em solidariedade às greves de trabalho em Al-Mahalla al-Kubra. Eles usaram Facebook, Twitter e SMS para mobilizar milhares de manifestantes em 25 de janeiro, e, com a ajuda da oposição política alcançaram milhões de protestantes em al-Tahrir Square no Cairo, Alexandria, Suíça (onde as manifestações dos trabalhadores eram proeminentes) Zakazik, Mansoura, etc. Cada manifestante se tornou um “jornalista” carregando

>>

um telefone móvel e filmando a repressão estatal, ultrapassando assim os meios de comunicação oficiais. De fato, estamos num período de revoluções onde os direitos políticos e civis prevalecem sobre reivindicações ideológicas. Os regimes árabes, assim como alguns estudiosos árabes e ocidentais e jornalistas, pensavam que a rua árabe só podia ser mobilizada pelo Islã político. Ambos os casos da Tunísia e do Egito mostram que, embora os movimentos islâmicos sejam importantes, por si só não podem ter êxito, em vez disso, existe a necessidade de alianças com outros grupos de oposição. A força dos movimentos islâmicos reside em ir além do slogan simplista “o Islã é a solução” para a liberdade e a democracia, juntando forças com outros partidos de oposição.

Mas e sobre os movimentos de direitos de direitos humanos, organizações civis e não governamentais (ONGs)? Muitos doadores e organizações internacionais limitam a sua visão da sociedade civil para estas associações “despolitizadas”, pensando que elas seriam as únicas a carregar os ventos da mudança. Essas associações desempenharam um papel auxiliar para os sindicatos e partidos de oposição, disseminando informações sobre acidentes e índices de mortes, exortando os poderes internacionais, tanto no nível oficial quanto não-oficial, a tomar posições firmes contra o regime. Portanto, uma das características mais importantes da sociedade civil foi a sinergia entre sindicatos, partidos e ONGs. É tempo para que doadores que focam somente nas ONGs estenderem seu suporte à todas as instituições, não só para evitar a inflação das ONGs, mas para fortalecer os sindicatos e partidos que irão, por sua vez, alimentar as ONGs com novos talentos.

Em contraste com as revoluções do leste e Europa central, estas duas revoluções não tem uma liderança de oposição unificada. De forma diferente, nós testemunhamos revoluções sem líderes, fragmentação sem organização, ainda que ao longo do tempo isto tenha melhorado. Os meios de comunicação, embora menos importantes, informaram pessoas sobre o que está acontecendo, principalmente quando as estações nacionais de TV da Tunísia e do Egito estavam completamente desinformando suas audiências. Em 26 de janeiro, a TV egípcia mostrou um programa de culinária, como se nada estivesse acontecendo nas ruas. Canais como o Al-Jazeera, BBC árabe e France 24 transmitiram imagens a eles enviadas pelos portáteis dos ativistas, provendo informação e análises. Gostaria de salientar que a Al-Jazeera se desviou do “princípio de não-interferência” nos assuntos internos árabes para uma postura de “solidariedade” com as queixas públicas árabes.

> O que vem depois?

Finalmente, só podemos esperar que este maravilhoso levante seja um ponto de partida para um processo de democratização – um processo que vai estar cheio de campos minados. Mas, de qualquer forma, as pessoas não serão mais convencidas de que a única opção é entre estabilidade e segurança de um ditador e o perigo de um extremismo islâmico. O velho lema de Mao Zedong é pertinente: “Há um grande caos debaixo do céu -a situação é excelente.” Para o futuro imediato devemos esperar muitos momentos difíceis e muita negociação com o exército que tomou o poder tanto na Tunísia quanto no Egito. ■

> Esquina da História

Por Jennifer Platt, Vice-presidente de publicações da ISA

Enquanto o Comitê Executivo se prepara para o encontro anual na Cidade do México (março 21-25), com o bônus de um seminário com colegas mexicanos, é apropriado escrever acerca dos aspectos da história da ISA no México. Desde os anos 1990, a América Latina como um todo tinha apenas 4% dos membros da ISA, mas eles ocupavam grande parte das posições nos Comitês de Pesquisa e Executivo, os quais quase sempre tiveram representação na América Latina. Gino Germani (Argentina, Vice-presidente 1962-6) e Fernando Henrique Cardoso (Brasil, Presidente 1982-6) foram especialmente proeminentes. O primeiro membro do México, no entanto, foi Francisco Zapata, um exilado político do Chile, em 1978-82; ele foi nomeado por Alain Touraine, com quem estudou em Paris. O seguinte foi Jorge Gonzales, em 1994-8.

Um maior destaque foi o Congresso Mundial de 1982, na Cidade do México – o primeiro a ser realizado em um país do Terceiro Mundo. Sob a presidência de Ulf Himmelstrand, o tema foi ‘Teoria Sociológica e Prática Social’; os preparativos locais foram conduzidos por Gerardo Estrada, da Universidad Nacional Autónoma de México. O número de participantes foi inesperadamente grande, de modo que uma impressão emergencial de mais panfletos informativos dos programas foi requerida – e, talvez o mais importante, parte da ajuda efetiva não veio apenas daqueles registrados a atender.

Estudantes locais se opuseram fortemente à forma e conteúdo dos encontros. O programa continha poucas menções condizentes com os problemas mexicanos; naquele momento, eles estavam atentos com a desvalorização em relação ao dólar e a nacionalização dos bancos. Para muitos mexicanos, a sociologia estava orientada para a atividade política tanto quanto para o estilo puramente acadêmico de trabalho, então a falha em focar nessas questões foi fortemente criticada. Essa demanda foi contemplada por organizações improvisadas, contendo um grande número de sessões adicionais ao programa oficial, ainda que localizados no mesmo prédio, com palestrantes e pautas mexicanas. O fato de que o encontro ter sido quase todo conduzido em inglês foi igualmente atacado. Uma grande demonstração em plenária exigiu traduções para o espanhol (uma língua não-oficial da ISA, até o momento) – um dos cartazes tinha o slogan ‘Cervantes sim, Shakespare não’; outras atividades foram também interrompidas para atender essa demanda. As finanças da ISA não permitiam (e não permitem agora) arcar com tradutores simultâneos profissionais, exceto para as plenárias, mas arranjos foram feitos por estudantes para oferecer traduções em algumas atividades. (Artur Meier, escrevendo um relatório posterior ao Congresso, sugeriu que essa demonstração não foi apenas um conflito de linguagem, mas uma assertiva da identidade nacional cultural em face da maior hegemonia norte-americana vivenciada como imperialismo). Protestos similares foram feitos quando em 1990 o Congresso Mundial foi realizado em Madri, e o espanhol foi finalmente considerado um idioma oficial da ISA.

> Solidariedade aos sociólogos japoneses

O Comitê Executivo da ISA gostaria de expressar simpatia e solidariedade às vítimas do terrível terremoto japonês e tsunami, assim como o acidente nuclear que eles precipitaram. Sabemos que o povo japonês continuará a enfrentar esta tragédia sem precedentes com coragem e um espírito coletivo renovado. Gostaríamos de expressar nosso compromisso com a sociologia japonesa de todas as formas possíveis, mas especialmente para o sucesso do Congresso Mundial de Sociologia da ISA em Yokohama, em 2014. Sabemos que este evento é o ponto culminante dos cem anos da sociologia japonesa. Nós duplamente apreciamos que neste momento de grande ansiedade e angústia dois membros da Sociedade de Sociologia Japonesa – seu presidente, professor Shujiro Yawaza, e o chefe do Comitê Organizador Local para o congresso de 2014, professor Koichi Hasegawa- conseguiram participar da reunião do Comitê Executivo da ISA na Cidade do México. Professor Hasegawa apresentou o seguinte relatório ao Comitê Executivo, que reproduzimos na íntegra a seguir.



Centro de Prevenção de Desastres
Foto por Koichi Hasegawa.

Ao longo da costa bonita e recuada costa do nordeste do Japão, o tsunami destruiu todos os portos de pesca, varrendo as construções de madeira, e deixando apenas estruturas de aço. Esta imagem da devastada cidade de Minami Sanriku mostra o cenário do seu Centro de Prevenção de Desastres, de três andares. Dentre os mais de trinta funcionários que trabalhavam no edifício em 11 de março, apenas oito, incluindo o prefeito da cidade foram milagrosamente resgatados do telhado. Os outros morreram, incluindo uma mulher cujo trabalho era transmitir instruções sobre o sistema de evacuação pelo sistema sem fios da comunidade da comunidade. A sua voz resgatou muitas pessoas, mas ela foi varrida. Os recém-construídos postes de electricidade marcam o bravo espírito de esperança e determinação para reconstruir o Japão.

> Yokohama o porto de esperança

Por Koichi Hasegawa, Universidade Tohoku, Sendai, presidente do Comitê Organizador Local para o Congresso Mundial de Sociologia em Yokohama, em 2014.

Terremotos desastrosos e ondas de tsunami atingiram o lado do Oceano Pacífico do nordeste do Japão na tarde de 11 de março. A cidade de Sendai, onde moro, foi uma das áreas mais seriamente danificadas. Minha família e eu fomos afortunados o bastante para sobrevivermos. Quando o terremoto começou, eu estava trabalhando no orçamento para o Congresso Mundial de Sociologia da ISA. Uma tranqüila tarde de sexta-feira de repente se transformou num desastre. Uma série de grandes e nunca antes experimentados tremores me atacou, atacou minha família e toda a área. Quase todos os meus livros e pastas caíram no chão. No momento seguinte, eu estava no meio de pilhas de livros e papéis que subiram a um metro de altura. Mesmo agora, duas semanas depois, eu ainda não consigo acreditar no que aconteceu. Sinto como se tivesse feito parte de um filme e não da vida real.

Como em São Francisco e Los Angeles, o Japão experimenta muitos terremotos. O Japão está localizado sobre o limite de quatro placas tectônicas. Assim, em certa medida, os terremotos sempre moldaram a história da sociedade japonesa, e o povo japonês sempre espera e está preparado para grandes terremotos. Entretanto, ninguém antecipou os contínuos e múltiplos choques que abalaram o nordeste do Japão – os três em grande escala ocorreram

um após o outro nos primeiros cinco minutos. Esta é a razão pela qual o tsunami de abalos de 9.0 cresceu inesperadamente tão rápido e os estragos causados pelas ondas foram além da nossa imaginação.

Contudo, considerando o número e o tamanho dos tremores, o quarto maior no mundo, e a alta densidade populacional da sociedade japonesa, os danos acabaram sendo relativamente pequenos. Comunidades estavam bem preparadas com construções resistentes a terremotos. Escolas e vizinhanças tinham conduzido rotineiramente simulações de emergência para terremotos e tsunamis.

Estou muito orgulhoso que até agora nem tumultos ou saques foram relatados. Mesmo após os piores danos, mesmo nas áreas mais severamente atingidas, e mesmo na região metropolitana de Tóquio, as pessoas se comportavam calmamente, entrando nas filas por comida, água e transportes atrasados. Muitos repórteres estrangeiros estavam impressionados que o senso de ordem, característico da cultura japonesa, prevaleceu mesmo sob esta catástrofe.

Quase dez mil mortes já foram registradas, principalmente nas áreas costeiras, e mais de 16 mil pessoas ainda estão desaparecidas após duas semanas. Estes terremotos e tsunami são o pior desastre natural da história do Japão moderno.

Para mudar a política energética do Japão precisamos de outro desastre nuclear como o de Chernobyl?

Muitos de nós estão profundamente preocupados com os reatores nucleares em Fukushima. Como um sociólogo ambiental e um estudioso dos movimentos sociais, eu tenho sido totalmente contra a política energética do Japão de promover energia nuclear. Em 1996 eu publiquei uma crítica sobre esta política em um livro chamado *A Choice for a Post Nuclear Society*, que pede ao governo japonês para dar fim à sua política de energia nuclear. Quando fui convidado para dar palestras públicas, muitas vezes levantei a seguinte questão: “para mudar a política de energia do Japão precisamos de uma nova catástrofe nuclear como a de Chernobyl?” é extremamente lamentável que meu aviso de quinze anos atrás tenha se tornado realidade. O governo japonês tem perdido e negligenciado diversas chances de tirar lições da catástrofe de Three Mile Island, o acidente nuclear de Chernobyl e outros desastres menos conhecidos. Lamento dizer que eu tenho uma sensação de impotência e de vazio no que diz respeito a esta questão.

> Nosso espaço é seguro contra terremotos

Eu posso entender se vocês começarem a pensar duas vezes so-



Koichi Hasegawa, Diretor Comitê Organizador Local para o Congresso Mundial de Yokohama.

bre viajar ao Japão para o próximo Congresso Mundial da ISA em 2014. Mas, deixe-me dizer –você vai querer vir e ver o quanto o Japão vai estar reavivado então. A história da sociedade japonesa é de experiências de superação de desastres –o Grande terremoto de Kanto de 1923, os bombardeios aéreos em Tóquio na Segunda Guerra Mundial, e as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki em 1945, e mais recente o terremoto de Kobe de 1995.

A cidade de Yokohama e o local da conferência, Pacífico Yokohama, não experimentaram nenhum estrago maior dos recentes terremotos. Depois deles, a cidade de Yokohama me informou que as construções foram feitas para terremotos de grande escala e são regularmente monitoradas para a segurança. O local do nosso encontro foi construído de forma a ser completamente resistente a terremotos. E um tsunami em Yokohama é desconhecido. Em seus 152 anos de história houve apenas uma pequena onda registrada e que não causou nenhum dano. A forma da Baía de Yokohama torna difícil para as ondas da tsunami entrarem na área. Yokohama e o seu povo são muito bem preparados para os terremotos.

> O COL japonês fará o seu melhor

O Comitê Organizador Local japonês é um amplo time nacional, que

começou seu trabalho em junho de 2008. Seus 17 membros vieram de todo o Japão e trabalham em diversas áreas de pesquisa. Estamos fazendo o nosso melhor para construir o mais bem organizado Congresso Mundial de Sociologia que já se viu. Colaborando com o Comitê Executivo da ISA e a Sociedade de Sociologia do Japão, estamos aprendendo com as experiências e as lições do Congresso de Gotemburgo. No que concerne ao Pacífico Yokohama, dentro de mesmo um local existem dois prédios localizados próximos um do outro, fornecendo 80 salas de reuniões para grupos de pesquisa e outros. Não se leva mais de 10 minutos para caminhar entre duas salas quaisquer.

O COL japonês esta preparando cinco sessões temáticas nos seguintes tópicos:

- Desastres naturais e humanos, e a recuperação da sociedade local
- Baixa fertilidade, rápido envelhecimento da sociedade, e transformação das relações de gênero
- Questões da sociedade civil: OSCs, ONGs, movimentos sociais
- Modernização compactada e globalização no contexto do leste asiático;
- Pesquisa social e educação no campo da sociologia

Estes tópicos estão intimamente relacionados ao tema do Congresso: Enfrentando um mundo desigual: desafios para uma sociologia global. Estamos também destacando perspectivas do leste asiático, e nós estamos colaborando com sociólogos coreanos, chineses e taiwaneses.

> Fazer de Yokohama o porto da esperança

O PACÍFICO Yokohama esta localizado na área de Minato-Mirai, chamado de “porto do futuro”, e também significa “porto da esperança”. Yokohama tem sido o concentrador das interações leste-oeste e o centro das trocas entre nordeste e sudeste asiáticos –fazendo ponte entre Ásia e América e ligando partes do nordeste e sudeste da Ásia ao mundo. Era o porto de esperança para os jovens que deixavam a Ásia para um país estrangeiro antes da era das viagens aéreas. Muitos entraram

no Japão através de Yokohama com a esperança de melhores oportunidades. Atualmente Yokohama é uma das cidades globais do Japão e mostra vividamente muitas faces da diversidade, apresentando diferenças fascinantes e dinâmicas baseadas em diferentes etnicidades, desafiando a imagem estereotipada de uma sociedade japonesa homogênea..

Uma de nossas preocupações é o número de participantes inscritos. Nossa meta é atrair mais de 5000 delegados como era o caso para o Congresso de Gotemburgo. Tenho medo de que o número de participantes possa ser menor por causa das imagens negativas sobre grandes terremotos e o acidente nuclear.

Mas eu sei que vocês NÃO são “sociólogos de poltrona”. Vocês são todos bravos sociólogos enfrentando a realidade social. Por favor, incentive seus colegas, amigos e estudantes para virem a Yokohama em três anos, 2014, para ver e experimentar uma sociedade japonesa renovada e fortalecida. Seu compromisso de visitarem o Japão e de participarem do Congresso Mundial será um grande incentivo para a sociedade japonesa e a sociologia japonesa. Por favor, certifique-se de vir ao Japão e ver o povo e sua cultura com seus próprios olhos, para que você possa experimentar e sentir a recuperação japonesa. Vamos fazer de Yokohama, novamente, o porto da esperança, um lugar para os sociólogos corajosos que enfrentam um mundo desigual e buscam alternativas e um futuro sustentável. O Congresso de Yokohama é de vocês. Obrigado a todos pelo gentil apoio. ■

> Uma sociologia internacional com diversas epistemes

Por Sujata Patel, Universidade de Hyderabad, Índia

A Diálogo Global iniciou um debate interessante sobre sociologia internacional. Minha intervenção é dirigida às duas contribuições de Ulrich Beck sobre o tema da “virada cosmopolita” (Diálogo Global 1.2 e 1.3), e também faz referências aos comentários feitos sobre este assunto por Raewyn Connell (Diálogo Global 1.2). Este comentário se restringe a três ideias: cosmopolitanismo metodológico, nacionalismo metodológico e sociologia global.

O cosmopolitanismo, como diz Craig Calhoun, está na moda. Em vez de descrever detalhadamente seus vários significados e trajetórias, utilizo o termo em sua interpretação comum — o reconhecimento do “outro” em todas as suas formas ou, de forma sugestiva, como coloca o editorial da edição 2000 de *Public Culture*: “em suas redes amplas e vacilantes”, ele “capta algo de nossa necessidade de fundamentar nosso sentido de mutualidade em condições de mutualidade...” Certamente, somente quando reconhecemos esta mutualidade e diferença é possível combinar o que Beck chama de “perspectivas contraditórias (do Norte e do Sul) sistematicamente no nível da análise sociológica”.

Minha pergunta é: por que o cosmopolitanismo metodológico de Beck não reconhece uma das mais importantes experiências do mundo acadêmico sociológico nas diversas regiões do sul? Ela não só foi discutida por Connell em seu livro, *Southern Theory*, mas também foi abordada por muitos acadêmicos do Sul Global. Foi nomeada e identificada como dependência acadêmica, e suas manifestações foram exploradas em processos de ensino e aprendizagem; no currículo; nos processos de pesquisas; na formulação de critérios adotados para aceitar artigos para revistas e livros; e em última análise na definição de onde se publica e o que é a excelência acadêmica.

Quais são as razões para a contínua prevalência destas dependências acadêmicas? As respostas são diversas, e começam com as explorações sobre a relação entre o colonialismo e suas formas de conhecimento. Contudo, sua prevalência na forma da síndrome da “mente cativa” (nas palavras de Syed Hussein Alatas), mesmo após o fim formal do colonialismo, levou muitos a explorar as teorias sobre a modernidade e, portanto, a sociologia. Acadêmicos afirmaram que as teorias sociológicas europeias e norte-americanas são etnocentristas e que sua episteme eurocêntrica limitou o desenvolvimento de uma disciplina genuinamente inclusiva, que poderia ser chamada de “cosmopolita”.

Uma imaginação eurocêntrica se entende em termos de sua própria autoimagem. Este self viu seu crescimento a partir do Iluminismo europeu, que criou um novo sujeito racionalista e humanista. Com razão e ciência, este sujeito conquistou tempo e espaço, desta forma garantindo e satisfazendo as demandas do progresso humano. Ao

invés de perceber a modernidade como um sistema econômico mundial (um sistema de produção capitalista e seu mercado), sustentado por uma formação política (um sistema de Estados Nação com uma forma nacional legitimada pela lei), uma organização social (na forma de classes, gênero, raças e etnicidades) com práticas culturais (como o lazer e a boa vida), a imaginação eurocêntrica o reificou como um processo “culturalista” interno da Europa, como argumenta Arif Dirlik. Este self emergiu não somente em termos de seu próprio desenvolvimento endógeno, mas também na e por meio da organização de processos coloniais e imperiais de dominação. Contudo, acadêmicos europeus avaliaram e continuam a avaliar este discurso não em sua mútua relação com o colonialismo, mas dentro dos limites de sua própria história e linguagem endógenas. Hoje, esta orientação continua a explicar os processos de segunda ou alta modernidade, ou modernidade radical, na Europa e na América do Norte, e organiza a discussão do nacionalismo metodológico.

> Nacionalismo metodológico

Dois conceitos são centrais para a teoria do nacionalismo metodológico: espaço e lugar. Teóricos tentaram mantê-los analiticamente separados, mas há frequentemente imprecisão conceitual em seu uso. Em geral, espaço é entendido como um discurso abstrato de enumeração de inter-relações sociais, enquanto lugar é percebido como a localização física onde locais tornados reais são produzidos em termos de uma mistura de relações sociais. Com o tempo, esses lugares “se estendem” e se identificam em termos de uma consciência e significados simbólicos associados (como no caso de uma cidade, Buenos Aires, ou de um Estado Nação, África do Sul). Por sua vez, essas identidades permitem que solidariedades sejam construídas contra outros lugares / territórios, como o nacional (Cingapura contra Malásia) e o supranacional (Indonésia contra Holanda), utilizando laços e solidariedade de lugares “locais” (Tahrir Square).

O nacionalismo metodológico confunde a complexa articulação entre espaço e lugar quando argumenta que as concepções de nação, nacionalidade e nacionalidade afetaram somente negativamente no enquadramento das ciências sociais (tanto na maneira como as teorias foram organizadas quanto na implementação de metodologias e métodos). Pode ter sido assim nos países imperiais colonialistas, como a França e a Alemanha, onde os “fundadores” da sociologia elaboraram os cânones das disciplinas, mas esta assertiva não pode ser aceita para o mundo todo. Nação e nacionalismo também impactaram positivamente discursos em ex-colônias, como a Índia. Uma análise da história da disciplina da sociologia na Índia nos permite entender estas complexidades.

>>

A ciência social, quando se desenvolveu na Índia, usou uma concepção nacionalista para questionar o uso do colonialismo de teorias antropológicas e metodologias para estruturar um discurso da sociedade “indiana” como uma sociedade não-moderna. O crescimento de ideologias nacionalistas, na fase pré-independência e depois, permitiram o questionamento do conhecimento colonial recebido que avaliava a “sociedade indiana” de “fora”, defendendo a necessidade de estudá-la de “dentro”, facilitando assim a criação de uma linguagem sociológica em debate com teorias desenvolvidas dentro da sociologia européia. Com o início de um projeto modernista nacionalista, que usava a educação superior para criar oportunidades de mobilidade, essas ciências sociais de orientação nacionalista desempenharam um papel central em conceituar a mudança social e o desenvolvimento planejados.

“... Por que o cosmopolitismo metodológico de Beck não reconhece uma das mais importantes experiências do mundo acadêmico sociológico nas diversas regiões do sul?...”

Assim, no caso da Índia, como em outros países que foram colônias, o nacionalismo metodológico foi uma adoção consciente de um lugar/território para criar um conjunto de diretrizes que confrontassem os discursos coloniais das ciências sociais. Identificação com o “lugar” permitiu que intelectuais “nacionais” construíssem solidariedade intelectual contra o conhecimento colonial dominante. Em segundo lugar, o reconhecimento dessa solidariedade vinculada ao lugar facilitou o crescimento de um discurso “alternativo”. Este se tornou então o princípio para organizar a institucionalização dos sistemas de conhecimento por meio de uma série de políticas e regulações. Essas políticas determinavam os protocolos e práticas de processos de ensino e aprendizagem, estabelecimento e práticas de pesquisa em institutos de pesquisa, distribuição de bolsas de pesquisa, língua de reflexão, organização da profissão e definições de acadêmicos e mundo acadêmico.

Esta genealogia precisa ser ressaltada e avaliada em justaposição às negatividades descritas no debate sobre nacionalismo metodológico. Ao invés de restringir um entendimento da sociologia internacional, sociologias nacionalistas de ex-colônias o alargaram. Por um lado, elas apontaram maneiras alternativas de avaliar processos contextuais, destacando desse modo as várias particularidades que estruturaram o mundo e, por outro lado, ressaltaram as desigualdades que estruturaram a sociologia internacional. Esta herança tem relevância hoje e não pode ser ignorada.

Isto não é o mesmo que dizer que a redução da “sociedade” ao lugar/território (como definido pelo Estado Nação) pelas sociologias nacionalistas das ex-colônias não

criaram problemas metodológicos. Está claro que essas sociologias tornaram invisíveis e/ou reduziram as vozes e experiências vinculadas ao lugar dos subalternos “locais”, “fracos” e “marginais”. Se as sociologias do final do século XX questionaram o supranacional, também dominaram e universalizaram seu próprio infra-local. A questão discutível é: que tipo de conformações são necessárias para criar uma sociologia internacional que possa incluir em sua análise estes processos conflituosos e contraditórios de dominância-subordinação que organizaram suas diferentes epistemes e silenciaram tantas outras no mundo?

> Sociologia Global?

Estou de acordo com Beck quando ele pergunta: “Como a teoria política e social pode se abrir teórica, empírica, metodológica e normativamente, para as modernidades historicamente novas e embaraçadas, que ameaçam suas próprias bases?” Podemos discutir se “modernidades embaraçadas” é a categorização correta a se usar para examinar o sistema mundial capitalista interconectado que foi estruturado em um processo desigual e combinado, desde o século XV até hoje. Mas está claro que precisamos nos distanciar das representações que organizaram seu discurso (como na sociologia) do século XVIII em diante em termos das dualidades do universal (eurocêntrico) / particular (ex-colonial e nacional). Simultaneamente, temos que garantir que quando o fizermos, não utilizemos uma episteme universal que mais uma vez cria uma mente “cativa”, tanto nas palavras e linguagem que utilizamos quando em seu significado.

Infelizmente, os termos “cosmopolita” / “cosmopolitanismo” e “global” têm uma longa história nas modernidades europeias e permanecem sobrecarregados com suas histórias e seus significados. Preferi, então, usar o termo “diversidades”, porque em muitas línguas, inclusive em inglês, seu uso foi diverso e seus significados vão desde uma simples asserção de diferença até uma elaboração de uma teoria ontológica da diferença que reconhece o poder como conceito central na criação de epistemes. Simbolicamente, também implica uma dispersão, ao invés de homogeneização. Também, em seus efeitos (como na teoria ontológica), seu uso permite que essas epistemes não sejam colocadas em uma única linha e consideradas iguais entre si. Ao contrário, elas permanecem em várias relações mútuas umas com as outras e por sua vez são organizadas por condições de sua própria mutualidade. Essas condições são estruturadas por vários níveis de dinâmicas de espaço/lugar em uma matriz de poder. Individualmente, não são superiores nem inferiores e, coletivamente, permanecem distintas, variadas, universais mas interconectadas. Apresentam e definem suas próprias teorias para avaliar suas perspectivas distintas e diferentes de sociologias, e suas teorias e práticas

O desafio hoje é criar esta linguagem e a infraestrutura intelectual que pode reconhecer esta matriz de poder quando promove as várias vozes de tradições sociológicas.



> Enfrentando a desigualdade: um debate internacional na Cidade do México

Por Raquel Sosa Elízaga, Universidade Nacional Autónoma do México, vice-presidente da ISA para Programa



Goran Therborn, membro do Comitê de Programa, dirigindo a Conferência sobre Desigualdade na UNAM.

Conjuntamente ao encontro do comitê executivo da ISA na cidade do México, entre 21 e 25 de março de 2011, a Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Nacional Autónoma da Cidade do México, reuniram juntos mexicanos, latino-americanos e outros colegas internacionais proeminentes para debaterem a desigualdade. Em três palestras, o presidente da associação, Michael Burawoy, Rolando Cordera e Göran Therborn exploraram o âmbito dos estudos da desigualdade, suas origens e desenvolvimento nas ciências sociais e as várias implicações para o mundo contemporâneo.

Três painéis de discussão envolvendo dezoito colegas de diferentes países deram-nos uma visão abrangente do debate teórico acerca da desigualdade, conhecimento das suas diferentes expressões sociais e culturais, e perspectivas de diferentes regiões. Nós exploramos os riscos do aprofundamento da desigualdade e como comunidades organizadas podem enfrentar as desigualdades que pioraram dramaticamente nos últimos trinta anos.

A partir de uma perspectiva crítica, vários colegas argumentaram que estamos numa encruzilhada da

civilização, que o uso excessivo de recursos naturais e a destruição ambiental ameaçam afetar as chances da reprodução da vida no planeta. Da nossa preocupação com as guerras e desastres até as experiências de disputas por água, todos os participantes demonstraram conscientização e compromisso com o princípio de evitar a predação e de buscar reais alternativas que poderiam proteger nossa existência coletiva.

Em cada sessão, o estudo deste fenômeno complexo reconheceu a sobreposição e o entrecruzamento de desigualdades envolvidas na discriminação, racismo, violência contra a mulher, ignorância e indiferença para com as necessidades das comunidades e cidades, negação da diversidade cultural, e a emergência de novos grupos, setores e classes sociais. Fomos capazes de extrair conhecimento dos oradores sobre a desigualdade em países como Índia, África do sul, México e outros países da América Latina, Líbano, Japão, Emirados Árabes Unidos, EUA, Espanha, Filipinas, Suécia, França, Rússia, Grã-Bretanha. Foi um exame instrutivo dos diferentes significados e graus de desigualdade em contextos culturais diversos. A tecelagem desta complexa teia nos obriga a repensar

não só as nossas explicações, mas também propostas para a superação da desigualdade e os problemas que ela gera.

Finalmente, diferentes concepções de justiça estiveram presentes em nossa discussão, daqueles introduzidos por John Rawls e Amartya Sen, até as contribuições sociológicas de Göran Therborn, David Harvey e Pierre Bourdieu. Compreender a relação entre desigualdade e exclusão, desigualdade e violência, desigualdade e relações de poder e seus impactos na organização do espaço público demonstra as limitações das estreitas perspectivas disciplinares. A urgência da situação globalmente chama a sociologia para influenciar o debate público.

Este foi o primeiro de uma série de fóruns, workshops e seminários que envolverão a questão da desigualdade no mundo hoje – discussões que continuarão no fórum da Isa em Buenos Aires (2012) e culminar no Congresso Mundial em Yokohama, em 2014. Isto deve inspirar novos rumos na sociologia que estão agora desfrutando de um ressurgimento mundial. ■

> Encontro do Comitê Executivo na Cidade do México, 21 a 25 de março de 2011

Por Michael Burawoy, Universidade da Califórnia, Berkeley e Presidente da ISA



O encontro do Comitê Executivo da ISA nos belos Jardins Botânicos da UNAM, Cidade do México.

de questões referentes aos direitos humanos dos sociólogos, sociólogos em início de carreira, prêmios da ISA e à afiliação da ISA a outras organizações internacionais.

O que se segue são resumos dos relatórios de cada um dos vice-presidentes.

Margaret Abraham, vice-presidente para Pesquisa

O Comitê Coordenador de Pesquisa (CCP) teve um encontro produtivo na Cidade do México. Ele dedicou-se a questões surgidas no encontro anterior do CCP em Gotemburgo. Isto incluiu disponibilizar online os objetivos e requisitos atualizados dos Comitês de Pesquisa e aprovar a recomendação em aumentar o número mínimo de membros necessários para o estabelecimento de um Comitê de Pesquisa (CP), isto é, de 25 para 50 membros regularizados da ISA, e de 25 membros para um Grupo de Trabalho (GT). Margaret Abraham apresentou relatórios sobre o Congresso (baseados nos resultados dos CPs, GTs e Grupos Temáticos) e sobre planos para o Fórum de 2012 em Buenos Aires. O CCP discutiu tais relatórios e outros assuntos relacionados ao CP, incluindo as eleições do Conselho CP51. Foram também revistas as propostas para a formação de dois novos Grupos Temáticos; (1) Etnografia Institucional e (2) Sentidos e Sociedade. O primeiro foi aprovado e o outro se encontra em análise. A maior parte do encontro foi dedicada à revisão e à aprovação dos pedidos de auxílio para 2011 do Comitê de Pesquisa da ISA.

Jennifer Platt, vice-presidente para Publicações

Os jornais da ISA estão indo bem, com crescimento de submissão de materiais para publicação, de circulação e de citações. No entanto, a carga de trabalho dos editores aumentou e houve interrupções locais de auxílio

O encontro de cinco dias do Comitê da ISA na Cidade do México foi generosamente acolhido pela Faculdade de Ciências Sociais e Política da UNAM – Universidade Nacional Autônoma do México –, em especial por seu decano, Dr. Fernando Castañeda Sabido, também presidente da Associação Mexicana de Sociologia, e pela Dra. Raquel Sosa Elizaga, vice-presidente da ISA e responsável pelo Programa. A maratona iniciou-se com uma reunião de um dia inteiro do Comitê de Programa, passando em seguida aos encontros do Comitê de Publicações, dirigido pela vice-presidente Jennifer Platt, do Comitê de Finanças e Afiliação, dirigido pelo vice-presidente Robert Van Krieken, do Comitê de Associações Nacionais, dirigido pela vice-presidente Tina Uys, e do Comitê de Coordenação de Pesquisa, dirigido pela vice-presidente Margaret Abraham. O Comitê Executivo em seu todo se reuniu durante os dois dias do final de semana. Simultaneamente aos encontros dos vários Comitês foi organizada pelos nossos anfitriões uma estimulante conferência que contou com a participação de sociólogos mexicanos e da ISA dentro do tema Encarando a Desigualdade: Um Desafio para o Mundo Contemporâneo, prefiguração dos debates do Congresso Mundial da ISA em Yokohama.

Relatei as diversas visitas a diferentes

países desde que fui eleito presidente no Congresso de Gotemburgo e então passei a apresentar os avanços em nossos novos Universos Virtuais: a nova Diálogo Global, agora em nove línguas seis vezes por ano; a universidade livre *Global Sociology, Live!*; nosso próprio *Sociotube* dedicado à sociologia em movimento; e finalmente nosso blog, *Universities in Crisis*. Todos foram bem recebidos e a ISA tem agora uma página ativa no Facebook que chamou bastante atenção. Enfatizei a importância em congregar equipes de jovens sociólogos ao redor do mundo para o trabalho nesses Universos Virtuais.

Parte do meu compromisso com os Universos Virtuais é o de criar maior abertura e transparência nos processos dos comitês executivos e em suas relações com as associações nacionais, comitês de pesquisa e com os membros em geral. Publicaremos então um breve relatório anual sobre nossas atividades, tal qual o presente, na Diálogo Global, incluindo aí as principais decisões do Comitê Executivo. Também discutimos uma série de princípios que deverão dirigir nossas tomadas de decisão e deliberações, incluindo o reconhecimento dos “conflitos de interesse”.

Concordamos que eu deveria formar um número de subcomitês para tratar

financeiro não-previstas; foi realizada, por isso, uma (bem sucedida) proposta baseada nos custos atuais detalhados visando à ampliação dos fundos. Estão sendo feitos esforços para identificar os problemas regionais no acesso ao conteúdo digital, de modo que se possam adotar diretrizes conforme a necessidade. Um importante volume escrito por especialistas do Nordeste da Ásia está sendo planejado em conexão com o Congresso Mundial de Sociologia de 2014 em Yokohama.

Até a data limite não havia sido recebida nenhuma inscrição para a editoria da próxima *International Sociology Review of Books*; decidiu-se estender o prazo a fim de encorajar outros candidatos a se inscreverem. O editor da *Current Sociology* percorreu *workshops* em busca de autores em potencial e um “Encontro de Editores” foi realizado na Cidade do México. Atividades similares a esta serão organizadas dentro do possível, bem como outros encontros e programas de treinamento.

Raquel Sosa, Vice-Presidente para Programa

O Comitê do Programa para o Congresso Mundial em Yokohama (2014) é composto pelo presidente e pelos vice-presidentes de Pesquisa e de Associações Nacionais, por quatro membros do Comitê Executivo, pelo encarregado do Comitê Organizador Local e por seis cientistas sociais selecionados em razão de suas capacidades e pela representatividade de diferentes tradições acadêmicas e regiões. O Comitê é dirigido pela vice-presidente de Programa. Sua tarefa principal é a de dar forma ao programa científico e aos debates que ocorrerão em Yokohama, organizando diversos plenários, “encontros do autor com críticos”, sessões de interação etc. dentro do tema: Encarando um Mundo Desigual: Desafios para uma Sociologia Global.

Na sua primeira reunião, o Comitê de Programa determinou o cronograma geral do programa e os quatro principais para as plenárias: análise multidimensional da desigualdade, da dinâmica da desigualdade, questões de justiça e, finalmente, formas alternativas de superação da desigualdade. Esperamos que essas orientações sejam estimulantes para nossos Comitês de Pesquisa e As-

sociações Nacionais e que sirvam para alimentar frutíferos intercâmbios acadêmicos, bem como propostas para solucionar um dos problemas mais prementes do mundo contemporâneo.

Tina Uys, vice-presidente para Associações Nacionais

O Comitê de Contato para as Associações Nacionais (NALC) examinou as inscrições para associados regulares e o desenvolvimento do website e do financiamento para conferências regionais efetuado pelas associações nacionais. Foram aprovadas candidaturas para as Associações Sociológicas da Argentina, de Bangladesh, da Irlanda, do Líbano e de Moçambique. Membros do NALC foram selecionados para estreitar relações com os novos membros.

Ao discutir as candidaturas para financiamentos, a NALC considerou relevante esclarecer as exigências necessárias de dois auxílios. O auxílio para o desenvolvimento de websites é fornecido visando a ajudar o estabelecimento de websites eficientes das associações nacionais. A assistência para substanciais modificações de um website não é prioritária. Também foi decidido que as associações nacionais deveriam ser encorajadas a disponibilizar suas home pages em uma das línguas oficiais da ISA. A finalidade do financiamento para uma conferência regional é a de fornecer recursos que favoreçam o diálogo entre as nacionalidades de determinada região ou para *workshops* entre regiões. Auxílios ao desenvolvimento de *websites* e *workshops* regionais foram proporcionados ao Instituto Albanês de Sociologia e à Associação Nacional Quirguistanesa; as Associações Espanhola e Portuguesa receberam subsídio conjunto para a organização de um *workshop* regional. Decidiu-se ainda que o relatório de cada outorgado deve ser disponibilizado no próximo encontro do CE (Comitê Executivo).

A chamada de propostas para a conferência NALC de 2013 foi aprovada e será distribuída a todas as Associações Nacionais. Foram iniciados debates sobre o possível tema da conferência. Por fim, a NALC avança a possibilidade de realizar uma pesquisa sobre a história, afiliação, atividades, estruturas e vínculos de

cada associação nacional com vistas a determinar os modos pelos quais a NALC possa auxiliá-las.

Robert Van Krieken, vice-presidente para Finanças e Afiliação

O Comitê de Finanças e Afiliação reuniu-se em 22 de março de 2011 e relatou suas atividades ao Comitê Executivo em 25 de março. Após analisar alguns assuntos relativos às afiliações, incluindo a questão de diferenciar as taxas dos membros vitalícios das categorias de países A, B e C, e o problema do aumento da afiliação nas categorias de países B e C, foi formado um subcomitê de afiliação para elaborar recomendações ao próximo encontro do CE em 2012.

Assim como o NALC, o Comitê de Finanças e Afiliação aprovou os pedidos de filiação das associações regularizadas. Examinou-se o direcionamento dos contratos e orçamentos das duas maiores conferências – o Fórum de Buenos Aires em 2012 e o Congresso Mundial de Yokohama em 2014.

Foi decidido providenciar a contribuição financeira à ISA no momento da inscrição ou da renovação da afiliação. O orçamento previsto para 2011 foi revisto, considerando as concessões de financiamento às associações nacionais e comitês de pesquisa, à newsletter *Diálogo Global* do presidente e ao Comitê de Publicações.

Outros Itens

Analisamos os relatórios de nossos representantes na ONU (Jan Fritz, Rosemary Barberet e Rudolf Richter), no Instituto Internacional para a Sociologia do Direito (Ramon Flecha e Benjamin Tejerina) e na Rede Global de Desenvolvimento (Emma Porio). Tina Uys nos informou sobre o progresso do próximo Laboratório para Estudantes de Doutorado em Johannesburgo. Também escrevemos uma mensagem de solidariedade aos sociólogos japoneses, reafirmando nosso compromisso com o Congresso de Yokohama de 2014. Terminamos com uma nota de agradecimento aos nossos anfitriões por sua generosa hospitalidade, e ao incansável grupo da Secretaria da ISA por facilitar nosso encontro tão complexo. A ISA segue com mais membros e mais atividades.

> Sem Fronteiras

Por Judith Blau, Universidade da Carolina do Norte, Presidente da Seção Norte-Americana de Sociólogos Sem Fronteiras e Alberto Moncada, presidente da Sociólogos sem Fronteiras Internacional

Médicos Sans Frontières foram, obviamente, os pioneiros do movimento 'sem fronteiras' que se acelerou com a globalização. Essa lista está longe de se esgotar, mas as ideias se estendem aos movimentos: Arquitetura sem Fronteiras, Palhaços sem Fronteiras, Engenheiros sem Fronteiras, Fazendeiros sem Fronteiras, Monges sem Fronteiras, Músicos sem Fronteiras, Repórteres sem Fronteiras, Futebol sem Fronteiras e Professores sem Fronteiras.

Sociólogos sem Fronteiras/*Sociólogos sin Frontera* (SSF) é parte daquela ideia do movimento. Fundada na Espanha em 2002, se expandiu para outros países – Brasil, Chile, Irã, Itália, Malásia, Porto Rico e os Estados Unidos. Assim como outras organizações “sem fronteiras”, sua missão enfatiza equidade e responsabilidades globais das pessoas para com outras, e adicionalmente destaca a importância dos direitos humanos, democracia participativa, economias equitativas e ecossistemas sustentáveis. SSF é crítica ao imperialismo e neoliberalismo. A virada para uma “sociologia pública”, preconizada por Michael Burawoy, são especialmente bem-vindas pelos membros da SSF.

A sociologia está mudando, incompreensivelmente devagar. Há algumas décadas atrás era pequeno o questionamento das formulações

positivistas e racionalistas que dominaram departamentos de universidades e os contextos de investigação, principalmente nos Estados Unidos. Isto começou a mudar nos anos de 1970 com as perspectivas feministas (nos EUA pelos Sociólogos pela Mulher em Sociedade – SWS) e afro-americanas (nos EUA pela Associação de Sociólogos Negros – ABS). Os membros da ala marxista da Associação Americana de Sociologia (ASA) sempre nos lembraram deste grande cenário. Novos segmentos da ASA evidentemente não são imparciais a ele: Envelhecimento e Curso da Vida; Altruísmo, Moralidade e Solidariedade Social; Criança e Juventude; Deficiência e Sociedade; e Educação (dentre outras). É difícil imaginar que aqueles que realizam pesquisas sobre crianças sejam indiferentes ao seu bem-estar, e alguns desses pesquisadores podem muito bem serem defensores para crianças. Em outras palavras, a sociologia pública tem permeado a disciplina nos Estados Unidos.

Qual papel o segmento norte-americano da SSF realiza na sociologia americana? Primeiro, temos uma lista conjunta de e-mails e um conselho global de discussões <http://ssfthinktank.org>. Segundo, somos representados no conselho consultivo da Coalizão de Direitos Humanos da Associação Americana para o Avanço da Ciência, o que um segmento da ASA não pode fazer. Em terceiro, nós



| Judith Blau, Presidente da SSF.

participamos, como uma organização, do Fórum Social Mundial, o que um segmento da ASA não pode fazer. Em quarto, nós podemos “dispensar” a ASA, o que eles não podem fazer. No entanto, duas das nossas resoluções foram aprovadas pelo conselho da ASA: uma declaração de direitos humanos, e outra para proteger os direitos dos sociólogos em perigo ao redor do mundo. Nós temos nossa própria revista, *Societies without Borders* <http://societieswithoutborders.org/>, que, consistente com nossa filosofia, possui código aberto.

Nossa flexibilidade e independência em relação à ASA (mesmo sendo parceiros) possui grandes vantagens, o que é consistente com a nossa filosofia ‘sem fronteiras’. Nós podemos assumir posições que não são sincronizadas com aquelas assumidas por muitos sociólogos. Nós defendemos o livre fluxo de dinheiro e recursos para o hemisfério Sul? Com certeza. Nós defendemos o fim do imperialismo e da hegemonia? Pode apostar. Nós defendemos o fim da privatização? Certamente. Nós defendemos o livre fluxo de pessoas? Migração sem fronteiras? Absolutamente! ■

> Corpo Editorial

Editor: Michael Burawoy.

Editores Executivos: Lola Busuttil, August Bagà, Genevieve Head-Gordon.

Editores Associados: Margaret Abraham, Tina Uys, Raquel Sosa, Jennifer Platt, Robert Van Krieken.

Conselho Editorial: Izabela Barlinska, Louis Chauvel, Dilek Cindoglu, Tom Dwyer, Jan Fritz, Sari Hanafi, Jaime Jiménez, Habibul Khondker, Simon Mapadimeng, Ishwar Modi, Nikita Pokrovsky, Emma Porio, Yoshimichi Sato, Vineeta Sinha, Benjamin Tejerina, Chin-Chun Yi, Elena

Editores Regionais

Mundo Árabe: Sari Hanafi and Mounir Saidani.

Brasil: Gustavo Taniguti, Juliana Tonche, Pedro Mancini, Fabio Silva Tsunoda, Dmitri Cerboncini Fernandes, Andreza Galli, Renata Barreto Pretulan.

Índia: Ishwar Modi, Rajiv Gupta Rashmi Jain e Uday Singh.

Japão: Kazuhisa Nishihara, Mari Shiba, Yoshiya Shiotani, Kousuke Himeno, Tomohiro Takami, Nanako Hayami, Yutaka Iwadate, Kazuhiro Ikeda.

Espanha: Gisela Redondo.

> Celebrando os vinte anos da Associação de Sociologia da Turquia

Por Birsen Gökçe, Presidente da Associação de Sociologia da Turquia¹



Presidente Birsen Gökçe falando para os Sociólogos Turco, em ocasião do 20º aniversário da TSA.

A Associação de Sociologia da Turquia foi fundada em 1990 em Ancara. Quando foi fundada, tinha 40 membros — hoje tem 600. Em 1999 foi concedido o status de “Associação de Interesses Públicos” através de um decreto do Conselho de Ministros. Ela não tem nenhuma filial. Desde a sua fundação, há vinte anos atrás, a associação ganhou reconhecimento e reputação em um nível nacional por seus congressos científicos e suas pesquisas. Somos uma associação cujos serviços são bastante procurados.

A associação conduziu 22 projetos de pesquisa, cerca de 20 conferências, 22 livros e inúmeros encontros colaborativos com organizações não-governamentais. Além disso, desde 1998, publicamos um total de 130 artigos científicos, tanto em turco quanto em inglês em nosso periódico *Journal of Sociological Research*, incluindo 10 traduções e 8 projetos de pesquisa.

Além de promover a pesquisa, a associação procura divulgar o conhecimento que produz e, valoriza, portanto, suas relações com a comunidade em geral. A associação coopera com organizações voluntárias, fundações, associações e se envolve no planejamento de atividades relacionadas à comunidade. Além disso, coopera com organizações nacionais e internacionais para executar projetos de pesquisa.

Neste sentido, tem empreendido projetos com o apoio do Ministério da Família e Pesquisa Social, Ministério da Administração do Desenvolvimento Regional do Sudeste de Anatólia (GAP), e o Ministério da Saúde em nível nacional. Em um nível nacional e internacional, tem perseguido projetos com o apoio do Conselho de Pesquisa Científica e Tecnológica da Turquia (TUBITAK), o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), a União Européia, UNICEF, OTAN e o Banco Mundial.

A atividade mais importante da associação

é a organização da Conferência Nacional. Até o momento, seis conferências foram realizadas. Seu aspecto mais importante é a estreita colaboração com o departamento de sociologia das periféricas Universidades de Anatólia organizada através de pesquisa sociológica realizada sobre os problemas socioeconômicos da Turquia. As conferências fornecem uma plataforma para a troca de pensamentos, pontos de vista e conhecimento entre professores seniores e jovens professores, entre colegas de diferentes partes do país e com colegas de disciplinas irmãs.

A primeira conferência foi sobre “Desenvolvimentos Sociológicos Atuais”, e teve lugar na Universidade de Ege em Izmir, em 1993, três anos depois da fundação da associação. A segunda foi sobre “Migrações” e teve lugar em 1996 na Universidade de Mersin. A terceira, sobre “Novos desafios da sociologia no mundo e na Turquia”, enfatizou os tópicos da alienação, conflito e integração. Ela aconteceu na Universidade de Anadolu, em Eskişehir, em 2000, enquanto a quarta conferência sobre “O mundo em mudança e desigualdades” aconteceu na Universidade de Cumhuriyet, em Sivas em 2003. A quinta conferência foi sobre “Problemas sociais atuais na Turquia” e aconteceu em 2006 na Universidade de Malatya İnönü. O último congresso em 2009 foi realizado na Universidade Adnan Menderes sobre “Transformações Sociais e abordagens sociológicas”.

No início, porque a sociologia era ensinada em departamentos de filosofia, ela adotou as teorias sociais ocidentais sem lhes fazer críticas e negligenciou a pesquisa, como resultado os jovens não compreenderam a disciplina propriamente, e se afastavam realmente dela. Hoje a situação melhorou já que ela é mais freqüentemente ensinada como o estudo dos problemas sociais utilizando métodos científicos de pesquisa. De fato, a sociologia contemporânea tem o potencial de ser multidisciplinar, cujos métodos são utilizados em todas as ciências sociais, mas, infelizmente, disciplinas associadas tais como a economia, o direito e psicologia

freqüentemente negligenciam ou isolam as dimensões sociais quando estudam a Turquia.

Hoje, o público em geral usa o termo sociologia como se fosse mágico. Jornalistas, colunistas, políticos, e tantos outros que avançam em explicações para fenômenos sociais estão tentando ser sociólogos. O que não deveria ser esquecido é que não se aprende sociologia somente por se viver em sociedade, em família. Não é incomum encontrar professores universitários que dizem: “eu nasci num vilarejo, eu vivi em um vilarejo, e, portanto, posso ensinar sociologia rural!”

Nosso objetivo é ajudar os jovens, amparados por um respaldo da sociologia, para trabalhar na cena pública e transferir seus pensamentos sociológicos para a sociedade. Equipados com compreensão especializada, graduados em sociologia assumem o importante papel de escrever relatórios baseados em pesquisa e de fazer recomendações políticas para aqueles em posições de decisões públicas.

Durante a era dos Planos de Cinco Anos de Desenvolvimento, o emprego de graduados em sociologia foi considerado importante e eles eram comissionados em vários Ministérios. Entretanto, como resultado de mudanças feitas na lei do emprego em 1980, os graduados perderam muitas dessas oportunidades no setor público. Desde a sua criação, nossa associação tem lutado para tentar reverter estas mudanças. Mesmo hoje, os diplomados em sociologia, graduados nas universidades, podem servir em apenas seis instituições públicas. Depois de um longo processo político, mês passado, o Conselho de Ministros assinou um novo decreto que uma vez mais permite que graduados em sociologia sejam empregados numa variedade de agências. O vigésimo ano é apenas o começo, ainda existe muito a ser feito. Para isso, precisamos de sangue novo. Finalmente, quero ressaltar que ainda precisamos superar muitos obstáculos para a recepção da sociologia pela sociedade em geral e suas instituições.

Gostaria de agradecer mais uma vez por se juntarem a nós hoje. Desejo a nossa associação um feliz vigésimo aniversário. ■

¹ Esta é uma versão resumida do discurso da presidente Gökçe, endereçada aos sociólogos turcos em Ancara, 28 de dezembro de 2010.

> Associações Nacionais na Europa

Por Roberto Cipriani, Presidente do Conselho de Associações Nacionais da ESA

Representantes de 21 associações sociológicas participaram de uma reunião organizada pela European Sociological Association em Paris. A presidente da ESA, Anália Torres, a presidente anterior Claire Wallace, e membros do Comitê Executivo da ESA também estiveram presentes. Nossos convidados especiais foram Jean-Michel Baer, Diretor de Pesquisa para Ciência, Economia e Sociedade, da Comissão Europeia, e Rifka Weehuizen, da Fundação Europeia da Ciência.

A ESA é constituída por dois pilares centrais: a Rede de Pesquisas e as Associações Nacionais. Por estatuto, as

Associações Nacionais desempenham um papel significativo na ESA, propondo candidatos à eleição para o Comitê Executivo e pela posse do Presidente da Associação.

Esse é um breve relatório sobre as características de cada associação nacional, que deixa para outra hora os tópicos principais, incluindo o processo de Bolonha e a redução do número de empregados das Ciências Sociais na maioria dos países europeus.

Este é o estado de federações europeias de sociologia! ■

Associações Nacionais Europeias de Sociologia

- **A Associação Sociológica Alemã** possui 2500 membros e oferece infraestrutura para pesquisa coletiva. De fato, seus associados tornaram-se muito profissionais nos anos recentes, e estão ativos na promoção de pesquisas na Europa.

- **A Associação Sociológica Norueguesa** desempenha um papel central na conexão de pessoas por diversas redes.

- **A Associação Turca** foi fundada em 1990 e possui 500 membros. Desde que a Turquia solicitou sua à União Europeia, sociólogos turcos estão mais focados na Sociologia Ocidental.

- **Na Romênia**, há uma Sociologia militante, que visa fomentar o desenvolvimento social, levando a várias iniciativas políticas. Ao mesmo tempo há um foco em temas micro-sociais, às expensas de assuntos globais. O resultado é uma sociologia isolada. O número de institutos de pesquisa decaiu, mas os membros publicam, agora, uma revista na internet.

- **A Associação Sociológica Francesa** é muito nova, fundada somente em 2002, mas possui 1000 membros em 40 redes de pesquisa diferentes.

- **A Associação Sociológica Portuguesa** possui 2600 membros. Trata-se de uma associação científica e profissional. Seus membros tentam agregar pessoas que estão lecionando, pesquisando, como também aqueles trabalhando em empreendimentos.

- **A sociedade Westermarck**, na Finlândia, foi fundada em 1954, e seu jornal foi lançado em 1965.

- **A Associação Sociológica Suíça** possui 550 filiados, mantendo quase o mesmo número por 20 anos. Conta com 12 comitês de pesquisa que realiza conferências próprias no ano entre conferências da ESA. É uma associação multilíngue, e suas conferências são trilingües (em francês, alemão e inglês). Seus membros também publicaram um periódico trilingües.

- **Os estatutos da Associação Sociológica Húngara** foram recentemente alterados, e agora seus filiados podem lançar projetos de pesquisa por conta própria. Eles organizaram conferências anuais.

- **Na Áustria**, encontramos muitas carreiras “domésticas” e uma perda de identidade. O processo de Bolonha conduz à fragmentação, pois os conteúdos do Bacharelado e o Mestrado diferem consideravelmente.

- **A Federação Espanhola de Sociologia** está associada

a comunidades regionais autônomas da Espanha. Há muitas atividades nessas regiões, além de uma variedade de periódicos. A Federação também organiza encontros e publica seu próprio periódico.

- Metade dos membros da **Associação Sociológica Britânica** e metade dos PhDs não trabalham em departamentos de Sociologia. O governo britânico alterou recentemente sua política de financiamento, e inúmeras demonstrações públicas de grande porte foram feitas a esse respeito. Os estudos estão se tornando muito caros.

- **As universidades italianas** estão vivenciando uma crise dupla: organizacional e financeira. É difícil avaliar o impacto das questões organizacionais. Mas há uma grande crise financeira no que tange aos salários.

- **Sociologia, na Polônia**, é uma ciência muito prestigiada. Sua identidade foi consolidada durante o período comunista. Existem mais aplicações para o mestrado do que para o bacharelado, o que significa que muitos aplicadores vieram de outras disciplinas, com conhecimento sociológico limitado

- **A Associação Sociológica Vojvodiniana** é uma organização sem fins lucrativos e apolítica. Seus projetos de pesquisa estão cercados de problemas financeiros e divisões multiculturais. Engloba 25 grupos étnicos.

- **Na Dinamarca**, existem bons salários em todos os campos, e isso causa uma espécie de evasão de talentos do campo acadêmico. Além disso, os padrões acadêmicos são tão elevados que é muito difícil, para os estudantes, ingressarem nas universidades dinamarquesas.

- **A Associação Macedônica** é pequena. É uma associação acadêmica intimamente ligada às maiores universidades, mas também possui interesses profissionais.

- **O Instituto Albanês de Sociologia** possui 130 membros e organiza conferências nacionais a cada ano.

- **Há três associações sociológicas na Rússia**, todas elas sediadas em Moscou. A Sociologia desfruta de certo prestígio. Sociólogos estão, com frequência, próximos dos formuladores de políticas.

- **A Sociologia em Israel** está bem estabelecida desde 1948. Hoje sua associação é bastante grande; seus membros organizam uma conferência todos os anos, com a presença de cerca de 1000 pessoas.

> Culpada por ser socióloga?

Por Frédéric Neyrat, Universidade de Limoges



Gendarmarie acompanha Pinar Selek.

Poderia-se pensar que a Sociologia está suficientemente estabelecida como disciplina, atualmente, para apenas levantar questões científicas. Entretanto, um seminário recente em Limoges dedicou-se aos obstáculos políticos enfrentados por investigações das Ciências Sociais. A pesquisa sociológica, em particular, tem sido desacreditada, e de modo violento, por pontos de vista não-científicos variados, nos reinos da política, da mídia e do Direito.

Dois casos atestam as ameaças que sociólogos podem enfrentar. mais significativo é o caso de Pinar Selek. Desde 1998 ela foi repetidamente acusada de um ataque à bomba em um bazar de especiarias de Istambul. Todos os relatórios de especialistas concluíram que a explosão foi causada por um vazamento de gás, e os tribunais a absolveram três vezes – na última vez, em fevereiro de 2011. Mas todas as decisões sofreram apelações, inclusive a de fevereiro último. Pinar Selek é, na realidade, culpada de ter se comportado como uma socióloga, de conduzir uma investigação que quebrou o tabu da questão curda. Ela entrevistou militantes do PKK e se recusou a divulgar seus nomes à

polícia quando foi presa e torturada. De acordo com alguns círculos de dentro do Estado turco e da polícia, é crime desafiar mitos nacionais ou questionar o discurso oficial sobre a questão curda ou a armênia.

O segundo caso vem da Hungria, onde o nacionalismo renovado lançou uma campanha midiática guiada por ódio e anti-semitismo contra Agnes Heller e sua “facção” (quatro outros filósofos), como acusados pela influente mídia húngara que investigava essa conspiração “cosmopolítica”. Agnes Heller, de 81 anos, é uma filósofa e socióloga pupila de Georg Lukács. Ela lecionou em países diferentes, incluindo os Estados Unidos, onde, nos anos 1970, ocupou a cadeira de Hannah Arendt na Nova Escola, após escapar de perseguições do regime comunista. Desde o início do ano, foi acusada, juntamente com seus colegas, de apropriação indébita de 2 milhões de euros para a produção de textos “nebulosos e inúteis”. Acusações sem fundamento tentam difamar sua reputação, insistindo que ela mergulhou sua pátria em desgraça. Na verdade, nada além de seu engajamento político foi atacado. Como outros intelectuais, ela posicionou-se contra a nova lei húngara que tolheu

a liberdade da mídia, e denunciou a guinada autoritária da administração de Viktor Orban.

Se alguns sociólogos são vitimizados nos dias de hoje, é porque as autoridades vêem a Sociologia como algo ameaçador. Ela lida com questões que alguns Estados gostariam de ignorar de uma vez por todas; suas investigações desafiam a veracidade das alegações oficiais. Sociólogos também são atacados enquanto intelectuais, mesmo quando seguem a ética científica weberiana. Na verdade, é precisamente por conta de seus compromissos científicos que tais tentativas de descrédito são estabelecidas. ■

¹ Sylvain Laurens, Frédéric Neyrat, *Enquêteur: de quel droit ? Menaces sur l'enquête en sciences sociales*, Bellecombe-en-Bauges, Éditions du Croquant, 2010.